

## **“É DIFÍCIL DEFENDER, SÓ COM PALAVRAS, A VIDA”: UM ESTUDO SOBRE A INTERFACE IMAGÉTICA EM *MORTE E VIDA SEVERINA***

Autores: Aline Maria dos Remédios Pantoja<sup>1</sup> (UFPA)  
Elizier Junior Araujo dos Santos<sup>2</sup> (UFPA)  
Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Juliana Maia de Queiroz<sup>3</sup> (UFPA)

**RESUMO:** A Literatura, arte de criação da escrita, proporciona ao leitor uma das suas grandes proezas: o reflexo das percepções sensoriais do próprio ser humano ao se deparar com os escritos de uma produção literária seja ela em prosa, poesia, crônica etc. Em *Morte e Vida Severina*, obra de João Cabral de Melo Neto (1920-1999), percebemos esta correspondência das percepções internalizadas na relação entre obra e leitor através das imagens criadas a partir do caminhar deste sobre as linhas versificadas que estruturam o referente texto. Assim, tentaremos nortear as diferentes leituras entre a visualidade e a obra literária, enfatizando, sobretudo, o diálogo em relação às nuances estéticas e existenciais da percepção do texto-imagem e o processo de pensar e refletir sobre o texto literário como uma prática que infere e revoluciona diferentes saberes de mundo, arte literária que segundo Pound (2006), “é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (p.32). Trabalhado no projeto Pibid em caráter de oficina, a obra será interpretada a partir da construção realizada pela recepção dos alunos frente às referências que sinalizam a presença da imagética a cada verso, realçando a importância da plasticidade transcendente ao conceito comum da palavra. Tomando como base a ideia de Barthes (2013) de que a narratividade é desconstruída, vemos perfeitamente que na obra de João Cabral existe a ocorrência desse fato, entretanto não se trata exatamente de uma desconstrução do texto literário, mas da transformação que este toma na presença da recepção imagística quando tocada pelo leitor. É um trabalho, portanto, que pretende corroborar o estudo da Literatura enquanto campo de ideias que extrapolam as linhas do texto, levando o leitor a considerá-lo um palco de imagens, ritmos, cores e sentimentos semeados a partir da fruição e compreensão da obra, privilegiando as motivações e vivências com as linguagens artísticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura. João Cabral de Melo Neto. Imagética. Pibid.

---

<sup>1</sup> Aline PANTOJA. Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: aleckpantoja@gmail.com

<sup>2</sup> Elizier SANTOS. Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: eliziersantos8@gmail.com

<sup>3</sup> Juliana QUEIROZ. Universidade Federal do Pará (UFPA). Email: jumaiaque@gmail.com

## Considerações Iniciais

As transformações perceptivas propiciadas pela arte literária demarcam, substancialmente, uma apoteose de desdobramentos que promovem a revolução de interfaces representativas da linguagem e seus diferentes saberes. E é neste contexto que se faz necessário fomentar cada vez mais a formação do leitor, sendo este um espaço próprio para recepção e reflexão da arte literária. Tais transformações trazem àquele leitor, direcionado às ações plurais e duais de abordar o texto literário, a oportunidade de sensibilização e experimentação com a Literatura, a qual se mostra, quando nos colocamos à sua escuta, multiplicadora para transcender a obtusidade da visão unidimensional do estudo do texto literário, servindo, assim, para recuperação e manutenção da qualidade do pensar.

É, especialmente, neste cenário de aprendizagem literária que, nós, pibidianos, percebemos a relevância da práxis reflexiva sobre o texto literário para fruição e compreensão de sua edificação, que deve ser diretamente conduzida às impressões, inquietações e estratégias do leitor, o que reativa a ideia de Ensino de Literatura como pesquisa: o leitor passa então a ser reconhecido como um sujeito ativo e autônomo de sua própria leitura. Entendemos, portanto, que a reflexão sobre o fazer literário não pode se esgotar unicamente no reconhecimento de estruturas e escolas literárias, tampouco se deve usar o texto literário como parâmetro de ditames da língua. Segundo afirma Lajolo (1993), o texto não é e nem deve ser utilizado como pretexto. A Literatura deve ser averiguada por si só, realçando sua particularidade de ser um objeto artístico, logo, objeto de expressão e subjetivação. Portanto, há que se perceber e destacar o viés artístico da obra literária.

Nesta perspectiva de aproximação ao exercício de pensar a arte literária para a formação do leitor é que se evidencia a motivação do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), no âmbito do subprojeto Letras-Português, em intervir na realização de oportunidades de práticas para se ler o texto literário nas suas múltiplas potencialidades, funções e entrelinhas. Ressalta-se que tal iniciativa é precedida de um direcionamento e preparo que os pibidianos têm para estarem aptos e qualificados a trabalhar a obra literária, oferecendo ferramentas adequadas aos alunos para (re)pensar a Literatura como universo de interfaces. Em relação a tomar a reflexão como ação prática e regular à formação docente, escreve-se:

Há algo de errado quando pensar, refletir não são também considerados ação prática, concreta; quando ler textos, científicos ou literários, não é visto como uma tarefa importante e significativa em si. Nas Letras ler é prática – e tal prática tem, necessariamente, que preceder aquela docente. Desconsiderar isso leva ao desastre de formar profissionais que dominam metodologias e procedimentos didáticos, mas carregam graves deficiências de conteúdo; sabem como dizer, mas não têm o quê. Não há como negar a importância, na formação docente, da prática e das "práticas", mas deve-se ressaltar que elas só tem sentido quando sustentadas por um conhecimento teórico, uma relação estreita com os textos acadêmicos, literários, por reflexão e interesse reais acerca da linguagem e de seu contexto. (MAUÉS, Fernando. Pibid Letras-Português, 2013)

Por isso, podemos dizer que a prática de leitura reflexiva é, em campos diversos, um trabalho de escuta das falas e pré-disposições do texto literário para a vida docente, trabalho que o Pibid Letras-Português vislumbra como um processo imprescindível à nossa formação leitora. Isto é: nós, alunos de Letras da Universidade Federal do Pará, que construímos o subprojeto ao lado do antigo coordenador Fernando Maués e da atual coordenadora Juliana Queiroz, mais do que respostas, lançamo-nos às perguntas ao texto literário. Trabalhamos a Literatura de forma a prestigiar a assídua convocação do leitor feita pela obra, abordando diferentes leituras e saberes de mundo, para que assim possamos levar aos alunos não um conhecimento pronto e imutável, mas um espaço de construção coletiva de conhecimento. Desse modo, consolidamos as propostas previstas no Pibid Letras-Português acerca do Ensino de Literatura ao colocar a obra literária em diálogo com outras interfaces do saber, como, por exemplo, a relação entre literatura e sociedade, bem como a relação entre a imagem e o estilo no texto.

Com essa última interface, a qual se coloca em evidência neste estudo, compartilharemos a construção de saberes e práticas voltadas para o trabalho com as imagens presentes no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, cuja linguagem visual é uma de suas tônicas. Ao sistematizar a oficina literária do Pibid direcionada à obra, pretendemos refletir sobre o seu desenvolvimento, com ênfase no estudo das imagens e percepções que se formam e dão vida às linhas do texto, privilegiando a comunhão entre a obra e o leitor, entre a palavra e seu contexto. Desejamos com esta abordagem, também, suplantar o estudo da Literatura enquanto manifestação da multiplicidade do pensamento, da experimentação com a linguagem, promovendo, sobretudo, a iniciação de leitores cada vez mais autônomos e proficientes.

## ***Morte e Vida Severina* e a Narrativa Visual**

O que é uma imagem no poema?

Façamos essa pergunta ao próprio poema, pois, assim como a vida, também na sua essência podem habitar inúmeros significados, o que nos remete à fala de Ezra Pound quando diz que a “Literatura é linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (2006, p. 32). Daí que a reminiscência visual a qual estamos vestidos ao ler uma obra literária constrói as nossas visões por intermédio de nossos referenciais próprios e do conhecimento de mundo: os livros que lemos, os filmes que assistimos, a música que escutamos etc. Ou seja, a imagem no poema desperta nossa memória visual, lançando-nos à fruição das nuances imagísticas do texto literário. Deve-se perceber o potencial que a visualidade tem na Literatura. Uma imagem é mais que uma imagem: ela é um cosmo apoteótico que surge a cada verso lido, a cada jogo de cores e signos.

Pensar *Morte e Vida Severina* por esse viés é permitir que a grandiloquência da linguagem que gera uma imagem dentro da página em branco nos impulse a abrir suas portas, a escutar sobre *quem é e a que vai*. Por isso mesmo, tomamos esta abordagem fundamental e fecunda para a imersão do leitor durante a leitura da obra na oficina. Para adentrarmos na linguagem visual do poema, é necessário primeiramente, como nos orienta Pound (2006), “carregar de energias” a linguagem poética, que estão ligadas às expressividades e recursos possíveis de sua composição:

A linguagem é um meio de comunicação. Para carregar a linguagem de significado até o máximo grau possível, dispomos – como já foi acentuado – de três meios principais: Projeto o objeto (fico ou em movimento) na imaginação visual. Produzir correlações emocionais por intermédio do som e do ritmo da fala. Produzir ambos os efeitos estimulando as associações (intelectuais ou emocionais) que permaneceram na consciência do receptor em relação às palavras ou grupos de palavras efetivamente empregadas. (fanopeia, melopeia logopeia). (POUND, 2006, p.63)

Baseando-se nessas proporções de Pound, comprovamos que as palavras em *Morte e Vida Severina* são carregadas de elementos a partir da: inauguração rítmica gerada pela palavra, povoando um sistema harmônico de melodias (melopeia); da criação intelectual que mantém a disposição da palavra para expressão de conteúdos (ideias, sentimentos), revelando-se na carga semântica e referencial (logopeia); e, especialmente, das palavras que lançam uma imagem visual na imaginação do leitor (fanopeia). Vale salientar que, apesar das motivações do texto estarem bem delimitadas, elas podem transpor fronteiras, isto é, podem ser indissociáveis, porque, como veremos,

a imagem, por vezes, pode ser despertada pelo som que tem um poema, pela combinação de palavras que culminam na aparição de uma imagem. Entendamos: o som pode ser uma imagem dentro do texto poético, a forma sintática pode despertar motivações imagéticas (iconicidade) com a leitura do poema etc.

Portanto, as passagens da obra a cada verso mostram-nos que a imagem é um elemento plurissignificativo da narrativa: ela é uma amálgama representativa de esferas dicotômicas, metafóricas e dialéticas da obra, assim como desdobramentos imagísticos que, quando postos em sobreposição, revelam-nos uma imagem anunciadora e de proporções reflexivas para os momentos ímpares da Literatura de João Cabral. Antecipemos que os temas dicotômicos, como, por exemplo, vida/morte, branco/preto e ritmo/imagem são importantíssimos para a criação de relevos simbólicos e ampliação de sentidos na construção da narrativa visual do percurso da personagem principal do poema, o Severino.

Sendo assim, a trajetória da personagem Severino por si só já nos revela um contexto de imagens de um Nordeste polifônico, representado pela verossimilhança do fundo social da peça em consonância com as nossas ideias de tal cenário. A partir disso, João Cabral de Melo Neto constrói seu poema sob o prisma da visualidade que, a todo o momento, precipita-nos a reviver a trajetória de Severino por entre as imagens e diálogos que vão surgindo no decorrer das relações entre homem e natureza, entre morte e vida. De acordo com Paz (2012, p. 119), a “imagem convida-nos a recriá-la e, literalmente, revivê-la (...) ela transmuta o homem e o transforma em espaço onde os opostos se fundem”. Por isso que partimos também das margens da dicotomia na obra para investigar, junto com o leitor, os signos e suas referências aos debates acirrados de *Morte e Vida* que se fundem na existência de Severino (e na nossa).

Como se nota, o título já nos alude ao jogo de representações opostas (Morte versus Vida), antagonismo que coloca o leitor diante de provocações imagéticas na sua leitura. O contexto apresentado pelo autor tem o potencial de nos provocar a refletir sobre os discursos da imagem e até mesmo a acompanhar Severino durante sua jornada, tendo as palavras como ferramentas formadoras desse caminho que nos leva a conhecer esse nordestino dentro do cenário literário de João Cabral. Ligando esta personagem às relações sobrepostas, palavra e imagem constituem-se em dois extremos que se encontram em um mesmo instante. Esse instante seria a interpretação e é nela que vemos palavra e imagem tornarem-se um só elemento, um híbrido poético, o que nos faz compreender a essência do poema. Desse encontro que surge então o texto-imagem

e, com ele, a busca pela representatividade da experiência com o real. Neste sentido, entender que é necessário aproximar o poema do leitor, resgatando uma abordagem mais efetiva à vida dele, aponta para outra motivação essencial para o Ensino de Literatura: a leitura do contexto visual. E, com a ajuda do tempo e a produção de sentidos, fomentar a discussão sobre situações ainda existentes na contemporaneidade é um dos passos indispensáveis para a reflexão sobre a obra e para a construção do letramento literário. De acordo com Cosson (2009), o leitor precisa aprender a estabelecer intertextualidade com outras leituras e contextos, de modo a produzir sua própria rede de sentidos, o que será determinante para o seu desempenho com a linguagem e para sua formação intelectual.

A oficina, em essência, tende a manifestar no aluno o sabor da leitura através da narrativa visual do poema, concedendo um tratamento especial às percepções e conhecimentos que, trabalhados coletivamente, contribuem para o entendimento da longevidade discursiva e representacional da obra, e, conseqüentemente, para o enriquecimento do leitor perante os saberes que podem ser construídos durante o processo de aplicação. Passemos então aos pormenores de elaboração da oficina, contemplando esta abordagem de leitura e investigação de *Morte e Vida Severina*.

## **Uma Proposta de Leitura**

Frente a estas abordagens sobre o estudo da recepção imagética da obra para a formação do leitor literário, estenderemos neste artigo as ferramentas e os materiais utilizados para a construção da oficina, ou seja, da pesquisa à elaboração. Esta oficina, elaborada para ser aplicada durante três dias consecutivos na escola-alvo, tem como propósito mostrar as possibilidades de se trabalhar a literatura no universo destinado à formação do leitor para a integração de mundo que é a própria sala de aula. Nela nos atemos, como bem evidenciado, a explorar a possibilidade da leitura imagética e a sua intervenção junto à interpretação do aluno. Para isso, tratamos de compreender a forma pela qual o fenômeno da imagem se apresenta para Claude Abastado, por exemplo:

A imagem é uma criação pura do espírito (...) ela terá de nascer emotiva e de ter realidade poética. A emoção assim provocada é pura, poeticamente, porque ela nasce fora de toda imitação, de toda evocação, de toda comparação (ABASTADO, 1971, p. 82)

A obra em questão chegou ao projeto ainda como uma semente a ser semeada e no momento que nos foi apresentada surgiram os questionamentos: como trabalhá-la?

Quais os conteúdos, capítulos ou partes chamariam atenção? Como inovar o Ensino de Literatura? De posse dos questionamentos, surgiram outros, desta vez partindo dos pibidianos que vieram de escolas públicas; eis os seguintes pontos: “Não houve ensino de literatura”; “conhecemos a literatura nos cursinhos pré-vestibulares, ainda assim vendo escolas literárias e suas características”; “conhecemos mais sobre obras e autores na universidade”. A escassez ou pouco conhecimento literário a que nos foi apresentado, fez-nos pensar em como não “pisar em falso” no campo da criação literária, uma força de tamanho e proporções incomensuráveis, entretanto utilizada de forma pouco eficaz nas escolas, sobretudo as públicas.

Essa experiência aliada com a carga de conhecimento obtido durante os anos no curso de Letras da UFPA abriu uma luz para entendermos a necessidade de expandir o conhecimento literário, e não apenas isso, mas como expandir, como fazer perceber a sua importância e os resultados obtidos dessa operação intensa que é a construção de uma oficina voltada para o conhecimento da Literatura. Além da obra *Morte e Vida Severina*, que contém o tema a ser trabalhado, foram utilizados outros suportes, dentre eles “As estratégias de compreensão leitora e práticas de Ensino da leitura”, de Girotto e Souza (2011), no artigo “Educação Literária e formação de leitores: da leitura em si para a leitura para si”, que nos forneceram dados valiosos no que concerne à leitura e suas práticas dentro da sala de aula.

Para utilizarmos as estratégias de Girotto e Souza, faz-se necessário entender a razão de se usar uma ou outra estratégia em determinado momento da leitura para apreender, apreender e compreender o que nela há. Dentre as estratégias temos: “o conhecimento prévio”, ou seja, no ato da leitura, ao se deparar com o tema, podem vir à mente do leitor informações relacionadas ao assunto, os chamados “conhecimentos de mundo”.

No caso de *Morte e Vida Severina*, em que o tema tratado é o próprio Severino enquanto retirante, chamou-nos a atenção a imagética provocada. Logo de imediato, recordamos das situações visualizadas em noticiários televisivos e do quadro de Portinari (Os Retirantes). A segunda estratégia é a “conexão”: de posse das informações do conhecimento do mundo e do tema da obra, o leitor pode recordar algum fato, situação ou história da sua vida semelhante ou igual ao que ele tenha vivido e assim estabelecer a conexão do seu mundo com o mundo da obra, sendo a leitura o elo entre essas duas realidades.

Contudo, ao trabalharmos as estratégias, percebemos ser a “visualização” a que melhor se adequa à oficina, por propor um espaço para o leitor utilizar suas ferramentas culturais a fim de tornar o texto mais prazeroso, pois, como nos diz Barthes (2013, p.61), “quanto mais cultura houver, maior, mais diverso será o prazer”. Assim, o encontro com a leitura de *Morte e Vida Severina* provoca no leitor sensações, visões, motivações e saberes diversos dirigidos à cultura intelectual porque, a cada palavra, os versos desta Literatura nordestina impulsionam o leitor a uma experiência de acepções produzidas por ele a partir de seus conhecimentos, crenças, diálogos com a arte etc. Além disso, estas palavras permitem ao indivíduo penetrar no âmbito da alteridade através da criação das imagens do sofrimento, das lamentações e, principalmente, da perseverança da personagem em prosseguir com a sua jornada na batalha pela vida com o fio de esperança que nele mora, fio de esperança reavivado e refletido no nascimento de uma criança que encerra as palavras-imagens desta obra.

Detemo-nos aqui a selecionar algumas das imagens construídas através das palavras de João Cabral de Melo Neto para compor o quadro sintético e simultâneo de ações e sensações. Para auxiliar no trabalho de captação da interpretação imagética, foram utilizadas as imagens contidas nas cenas de uma animação<sup>4</sup> baseada na obra. A primeira cena remete à retirada de Severino do Nordeste em busca de melhores condições em uma cidade grande, cujo percurso está repleto de encontros e imagens metafóricas:



Imagem 1: início da jornada de Severino

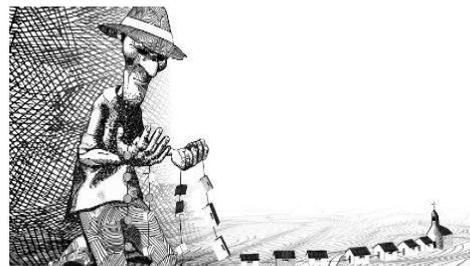


Imagem 2: rosário metafórico

As cenas dessa animação apresentam duas cores predominantes: o branco e o preto, acentuando a dicotomia vida/morte. Curiosamente, o título mostra as palavras em outra ordem, *Morte e Vida*, o que pode causar um sobressalto para o leitor, fazendo o uso de outra estratégia de Girotto e Souza: a “inferência”. Vemos que esta ordem em

<sup>4</sup> *Morte e Vida Severina* em desenho animado é uma versão adaptada para os quadrinhos pelo cartunista Miguel Falcão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gGnN4It8Dc>

que a palavra “morte” vem seguida de “vida” pode ser compreendida na seguinte passagem:

“E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte,  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte Severina  
ataca em qualquer idade,  
e até em gente não nascida).”  
(MELO NETO, 2007, p.92)

Esta passagem nos leva a tal profusão de ideias que acaba por condensar a condição do retirante do seu nascimento até o fim de sua vida. Severino assim fala e mostra como é o destino dele, que é igual ao de tantos outros Severinos que se estendem pelo chão nordestino mundo afora. O próprio poema em si configura-se como um painel para o próprio espectador ou leitor em si conhecer um pouco mais sobre o Nordeste e seus contrastes: se por um lado aqui vemos a situação dos retirantes, fugindo da seca e da morte, por outro sabemos também que há uma imagem mistificada de um Nordeste litorâneo de praias e de outras belezas naturais, sobretudo, na parte litorânea. Se anteriormente entendemos a seca como um problema de ordem natural, vemos então, que este contraste denota o problema também pela condição política, o que pode levar o leitor a se posicionar diante das complexidades das condições sociais deste cenário.

Dentro desse painel vasto de *Morte e Vida Severina*, João Cabral de Melo Neto nos faz conhecer um pouco mais sobre a cultura do Nordeste através de uma Literatura particular e desafiadora. Desafiadora pela razão desta obra ter sido confeccionada durante a terceira Geração Modernista, fugindo dos moldes tradicionais das Literaturas vindas das regiões Sul e Sudeste. O autor volta sua atenção para construir uma Literatura com elementos, paisagens e personagens oriundas dos sertões e de seus arredores, surgindo assim um alto de natal pernambucano publicado no ano de 1954, composto por 17 momentos ou atos.

O próprio ritmo da leitura é outro ponto de destaque da obra, o que nos faz retomar as proposições de Pound sobre os elementos da melopeia e fanopeia. Ao nos depararmos com o efeito sonoro-visual temos a impressão de sermos convidados a caminhar com a personagem Severino na sua jornada pela batalha por uma vida melhor.

Desta maneira, conhecemos outros cenários da obra, palavra por palavra, verso a verso. Assim vemos o Rio Capibaribe que é também o guia de Severino e, durante esta leitura, percebemos o receio do retirante em seguir o percurso uma vez que o rio está seco. Conhecemos a Zona da Mata e com ele o segundo momento do receio da personagem seguir viagem. No entanto, Severino segue seu percurso porque logo quer chegar ao Recife. Quando lá já se encontra, conhecemos outra parte do Nordeste, o rio Capibaribe, e com ele a angústia final de um questionamento que o acompanha: se vale a pena continuar lutando ou se é melhor “(...) saltar, numa noite, fora da ponte e da vida?” (MELO NETO, 2007, p. 123).

Na obra, vemos que Severino é também o todo, a representação viva e ao mesmo tempo fraca da seca nordestina, mas que tem em si o desejo de viver, embora esteja cercado por condições negativas de dúvidas e incertezas, da morte que se apresenta a ele por diversas imagens: de doença, de miséria, de emboscada de “aves-balas”, de defuntos que encontra no caminho nos braços dos “irmãos das almas”.

Além disso, outra possibilidade de leitura imagética que nos permitiu trabalhar a obra e a recepção frente à reação sensorial parte da musicalidade como mais uma ferramenta de auxílio para os alunos. Para tanto, buscamos com as nossas pesquisas a letra da música de uma banda nordestina conhecida pelo nome de “Cordel do Fogo Encantado” que compôs uma letra intitulada: “Morte e vida Stanley”. A semelhança com os títulos do auto e da letra não é por acaso. Trabalhar a música é outra forma de chamar a atenção dos alunos, demonstrar a eles que é possível também a compreensão de uma obra através de outras formas de leitura, como é o caso de “Morte e Vida Stanley”.

Nosso propósito é mostrar a interface imagética advinda de palavras organizadas de maneira a prender a atenção do leitor. Em “Morte e Vida Stanley”, o teor da letra já é uma descrição do retirante, tal qual é feito na obra: algo pesado, que causa sofrimento e suplicante no tocante à vontade de viver.

Durante muitas reuniões do projeto (Pibid) realizadas na UFPA, verificamos outra maneira, uma terceira possibilidade de apresentar a obra, que consiste no uso de uma leitura performática. De posse da obra e do teor já conhecido, decidimos que cada pibidiano ficaria responsável por uma fala de cada personagem selecionado, para que pudéssemos causar a sensação do sobressalto ao vivo como algo coletivo, para fazer com que os alunos ampliem seus conhecimentos sobre a imagem e com ela, o sentido da obra, através da sonorização.

A leitura performática foi um dos pontos mais trabalhados para a construção da oficina, uma vez que essa leitura de expressiva representação (visual, rítmica) corrobora a composição da imagem pela visão do leitor, entretanto, o que aqui propomos também é manter essa recepção e percepção da imagem através da leitura performática, a fim de analisarmos como este momento influencia o aluno no ato de compreensão da leitura e com os resultados obtidos, além de fazer um breve histórico comparativo entre uma leitura realizada de forma comum, ou seja, apenas do leitor com a obra impressa e as formas de leitura apresentadas e praticadas durante a oficina.

## **Considerações Finais**

Desde as pesquisas até as reuniões acerca da obra para trabalhar a recepção imagética frente à percepção sensorial do aluno, procuramos mostrar como uma obra pode ser interpretada por outros ângulos, reiterando o sentido da Literatura na vida dele. Construímos uma abordagem funcional e transcendente da imagem para que se possa trabalhar durante a oficina o repertório visual do aluno e fazer com que ele coloque sua experiência com a leitura do texto-imagem em interação constante com seus sentimentos e referências para com a criação literária. Procuramos, também, a partir do viés estudado, abrir um espaço polifônico e interdisciplinar na sala de aula através da leitura de *Morte e Vida Severina* e, mediante as atividades reflexivas apresentadas neste estudo, mostrar ao leitor as habilidades que ele pode usar para compreender a formação da interface imagética e as suas precipitações, evidentes, como vimos, em três caminhos da obra: a metáfora, as dicotomias e o ritmo.

Para o subprojeto Pibid-Letras é de suma importância ampliar as estratégias de leitura no ensino e na aprendizagem desta e, para isso, as constantes pesquisas, reuniões realizadas e as confluências de ideias direcionaram-nos para a elaboração desta proposta de oficina, a fim de que os alunos possam refletir acerca do sentido da leitura e da Literatura como um vasto campo de crescimento e amadurecimento de concepções que podem surgir, por diversas vezes, dentro deles mesmos. E, apresentando uma pequena amostra através de *Morte e Vida Severina*, acreditamos poder motivar o leitor às suas leituras de mundo, de modo a buscar a integração com o texto literário para construir a fluidez e proficiência leitora.

Portanto, a linguagem visual, desenvolvida na oficina por fases investigativas e reflexivas, aponta para uma força realçada por João Cabral de Melo Neto ao tratá-la

como representação dialética e vivificadora de muitas vozes. Atentamo-nos não somente a trabalhar a estética da imagem, mas sua ciência e atribuições. A partir disso, pensamos ser ela, a imagem, o catalizador que move o poema, que abre a mente do leitor para mostrar a presença e a falta no caminho de Severino; e, de modo categórico, indicar que, somente ela, pode surgir para o leitor como anunciação, pois “é difícil defender, só com palavras, a vida” (MELO NETO, 2007, p.132). A imagem é a vida, ela é o próprio nascimento indômito (sobressaltado pelo desfecho do poema pela imagem de uma criança) que nos cala, e diante dela não há uma única manipulação, mas a espontaneidade e resistência do mundo em direção à nossa existência.

## Referências

- ABASTADO, Claude. *Introduction au Surréalisme*. Paris: Bordas, 1971.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução J. Guinsburgl. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- Cordel do Fogo Encantando. *Morte e Vida Stanley*. Transfiguração, Trama, 2006. Disponível em: <http://letras.mus.br/cordel-do-fogo-encantado/117672/>. Acesso em: 28 de maio de 2015.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: editora contexto, 2009.
- LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- PAZ, Octavio. *O Arco e Lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2012, 352pp.
- POUND, Ezra. *ABC da Literatura*. Organização e apresentação da edição brasileira Augusto de Campos; tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. -- 11.ed. -- São Paulo: Cultrix, 2006.
- SOUZA, Renata Junqueira de; GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim. *Estratégias de leitura: uma alternativa para o início da educação literária*. São Paulo: Alabe, 2011.